



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



por FELIZ COSTA VENTURA

NESSE dia andava a senhora Poupa bastante atarefada, pois recebera convite para ir ao baile de gala que teria lugar no palacete do dr. Grilo, quando, ao pé dela, ressoou a voz, fresca e juvenil, da pombinha Grugu.

— Viva lá, comadre Poupa!

— Viva D. Grugu. Então por cá?!

— É verdade. Vinha ver se a comadre queria ir ao baile do dr. Grilo, pois, nesse caso, oferecia-lhe o meu carro.

— Obrigada, comadre. Aceito. O dr. Grilo também teve a gentileza de me mandar um convite. Quere ver o vestido que eu levo ao baile?

A toutinegra vai ficar furiosa por eu levar um vestido tão rico. O meu é mais bonito e bem feito.

E, assim falando, entraram as duas na casa da D. Poupa que a convidou logo a sentar-se.

— Veja que bonito que é, D. Grugu — disse a D. Poupa, entrando com um vestido de cera, enfeitado com folhas de rosas, feito pela D. Pardoca que era a melhor costureira que havia ali pelas redondezas. Como está bonito, comadre!

— Olhe êste folhinho...

— E êste folhinho, que lindo que é. Se Nossa Senhora o visse até dava metade da Lua para o possuir.

— Mais do que isso, comadre,



mais do que isso — (dizia a D. Poupa, impando de orgulho.

— Bem, comadre, tenho que me ir embora. O meu vestido ainda está atrazado e eu quero ter tudo pronto a tempo e a horas.

— Faz bem — concluiu D. Poupa.

— Até logo.

— Até logo. E a D. Grugu, arastando o seu vestido de cauda de leque, e abrindo o seu chapéu de sol, feito de folhas de alface, bordado a ervilhas, lá foi caminhando até desaparecer numa curva do caminho.

Chegou, enfim, o desejado dia, ansiosamente esperado por todos os habitantes do pomar da laranjinha, pois a festa seria de espanto.

A D. Poupa, desde manhã, andava atarefada. Logo que amanhe-



eu, recebeu a visita do sr. D. Sápo que vinha para lhe frisar e perfumar a graciosa cabeça. Depois teve que mandar a criada à casa do rouxinol, a-fim-de ir buscar um par de luvas. Enfim, passou todo o dia em preparativos. Veiu a noite. Os jardins do dr. Grilo estavam lindamente ornamentados. Milhares de pirilampos convidados para tal fim, abriam as suas luzinhas mágicas nos canteiros das flores. O salão de baile estava enfeitado com as mais caprichosas côlchas. A' entrada, dois escaravelhos, de calção e meia branca, recebiam os convidados. Os últimos a chegar foram a D. Poupa e a D. Grugu, que a acompanhava. D. Poupa, toda orgulhosa por levar um vestido de



tanto valor, não ligava importância a ninguém.

Realmente causava um efeito soberbo.

O baile decorria bastante animado, quando, de repente, explodiu uma sonora gargalhada, soltada pela maior parte dos convidados. O vestido da D. Poupa, devido ao calor, derretera-se, deixando-a com um aspecto ridículo. Foi um nunca acabar de apupos, gargalhadas, etc. Não se falava noutra coisa! A D. Poupa fugiu envergonhada, jurando que nunca mais saíria de casa.

Vejam, leitorzinhos, o resultado da vaidade. Se a D. Poupa não fora orgulhosa, nada disto teria acontecido!

■ FIM ■



SALVÉ ANÃO SABICHÃO

Por ARGENTINITA

Gentil Anão
que em revolução
puseste a miuda gente,
lendo, um a um,
no «Pim-Pam-Pum»
teus contos, alegremente!

Venho, hoje, aqui
junto de ti
num gesto de cortesia,
a-fim-de te demonstrar,
e provar
toda a minha simpatia.

Por ti, que és
para os bebês
amigo todo indulgência,
lindas histórias contando
e ministrando
teu saber, tua ciência.



Os teus contitos,
que são escritos
com coração de quem sente,
são adorados,
sempre esperados
numa ansiedade crescente.

Não deixes, não?!...
meu bom Anão,
sob pretexto nenhum,
histórias lindas
graças infundas
de contar no «Pim-Pam-Pum».

Este jornal
que em Portugal
conta em todos um amiguinho,
vindo instruir
e divertir
com amor, graça e carinho.

De Norte a Sul
Sob este azul
do nosso formoso céu,
Ai como é qu'rido
e repetido
o famoso nome teu!

Num grande abraço,
votos te faço
de felia e longa vida;
e que Deus faça
a suma graça
de a tornar sempre florida,

Como tens «Dona»
de ser tão bom,
perdoa «Anão Sabichão»
estes versinhos,
assás mesquinhos
mas vindos do coração!

TEATRO INFANTIL

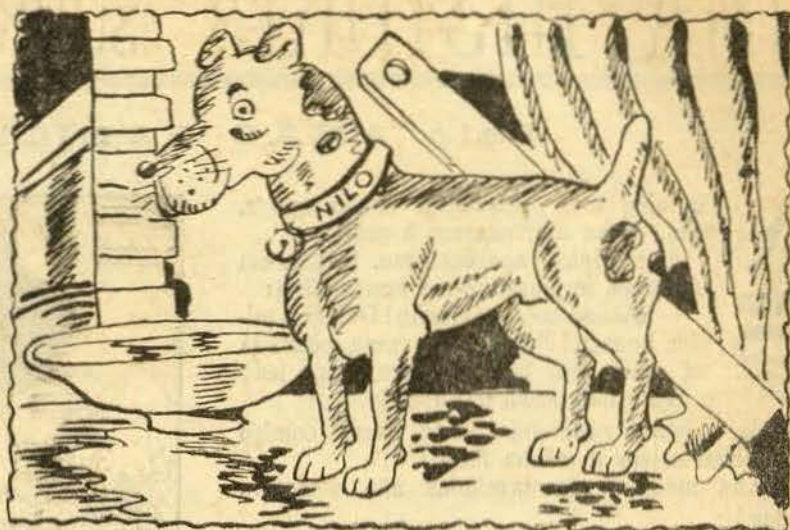
O
EXAME
do
ZÉ da BRÔA

IMITAÇÃO

POR

ZÉ D'ALDEIA

DESENHO DE A. CASTANHE



PROFESSOR

— «ORA diga, meu menino,
Mas responda-me tranquilo
«E com palavras de tino:
«Onde fica o rio Nilo?»

ZÉ DA BRÔA

— «O Nilo? O Nilo? Perdão!
«Não é rio... (áh! áh! áh!) —
«E' engano! Faz do, do...
«E' o cão do meu papá!

PROFESSOR

— «Ai valha-o Deus, por esmola,
«E não me venha com tricas...
«Diga, no mapa da escola,
«Onde é que fica Boticas?»

ZÉ DA BRÔA

— «Ir ao mapa? Não senhor!
(coisa assim nunca se viu...)
«Boticas, «sôr» professor,
«E' a farmácia do tio!»

PROFESSOR

— «Vamos, nada de mangar,
«Pateta das luminárias!
«Faz favor de me indicar
«Onde ficam as canárias...»

ZÉ DA BRÔA

— «Ah! já sei! De cores várias...
(Franze a testa o mestre escola)
«Os canários! As canárias!
«Encontram-se na gaiola...»

PROFESSOR

— «E' de mais! O meu menino,

«Merecia uma tarefa.
«Vamos, aponte, com tino,
«A nossa vila de Ceia.

ZÉ DA BRÔA

— «Ceia! Ceia! Não é ali
— (O Zé da Brôa exclama).
«Ontem também a comi,
«E depois fui para a cama!»

PROFESSOR

— «E' da gente endoidecer,
«Ou continua a mangar?!
«Faz favor de me dizer
«Porque tem ondas o mar?»

ZÉ DA BRÔA

— «Ondas! Ao primo Rebelo
«Ouvi há dias cantar:
«Nas ondas do teu cabelo
«Vou-me deitar á afogar!»

PROFESSOR

— «Ainda na Geografia
«Vamos resposta certa...
«Diga o que é uma Bacia?
«Veja lá se diz asneira.»

ZÉ DA BRÔA

— «Á Bacia! Eu digo já.
«Um vaso onde, muita vez,
«Eu, a mamã e o papá
«Lavamos os nossos pés!»

PROFESSOR

— «Abóbora! Apre. É demais!
«Nem uma só para tréguas!
«Tenho pena dos seus pais...
«Vá ao mapa, indique a Régua.»

ZÉ DA BRÔA

— «Zé da Brôa põe empenho
«Em responder a primor:
«Está na saca do desenho,
«Ei-la! Senhor professor!»

PROFESSOR

— «Ignorante duma figa!
«Asneira mais outra vez!
«Porque foi Cru, vamos, diga,
«O Rei que amou Dona Inês?»

ZÉ DA BRÔA

— «Porque foi Cru? Natural...
«E' de todos conhecido.
«Foi Cru, porque ele, afinal,
«Não chegou a ser cosido!»

PROFESSOR

— «Que menino tão tão camelo!
«Oh que caso patológico!...»

ZÉ DA BRÔA

— «A esse já fui eu vê-lo
«Em nosso Jardim Zoológico!»

PROFESSOR

— «Pronto! Ficou reprovado!
«Sente-se, seu trapalhão...»
«N'isto tomba para o lado
«E morre de congestão!»

■ FIM ■

UMA HISTÓRIA SOBRE MARÉS

Pelo ANÃO SABICHÃO

A Clarinha, uma pequenita minha amiga, fôra, nesse dia, passear à praia.

A' tardinha, apareceu-me, lavada em lágrimas, implorando-me muito aflita:

— «Acode-me, anãosinho! Deixei a minha boneca Mimi, sôbre uma pedra lá na praia. Fui brincar para outro lado e agora não posso ir buscá-la.

Anda o mar à roda dela. Se tu viesses comigo e pudesses salvar a minha Mimi!...»

— «As meninas desmazeladas não merecem ajudas!

Nunca se devem abandonar bonecas que não sabem andar como gente, nem voar como pássaros, no meio dum areal!» — respondi eu, fazendo voz grossa.

Mas, ao vêr que as lágrimas da minha amiguinha redobravam, resolvi-me a acompanhá-la.

Num pedregulho a Mimi de feltro conservava-se impassível, indiferente à fúria das águas, que já lhe lambiam os pés,

Nem sequer deitou um olhar à desconsolada dôna que, de longe, a chamava, numa voz, cheia de soluços!

Uma gaivota esvoaçava sôbre ela, debicando nas flôres do seu chapéusinho.

Na língua dos pássaros, gritei-lhe:

— «Minha amiga gaiotinha, traze aqui a bonequinha».

Vai ela, agarrou na boneca com o seu bico posante e logo m'a veiu entregar.

A Clarinha, mal se viu com a Mimi nos braços, encheu-a de beijos e conchegou-a, a si, num gesto maternal.



— Obrigado, anãosinho. Tu e a tua amiguinha gaivota é que nos valeram. Não é verdade Mimi? dizia, muito terna e reconhecida.

— Se não chegassemos depressa, a maré levava a tua boneca. Tu sabes, por acaso, o que é maré, Clarinha? — Ela ficou um tanto embatucada, pensou um instante, e respondeu:

— E' o subir e o descer do mar.

— E' isso, é! Agora porque o mar sobe e desce, vou tentar dizer-te, duma maneira que a tua cabecinha e as dos meninos e meninas da tua idade, que vão lêr isto, percebam.

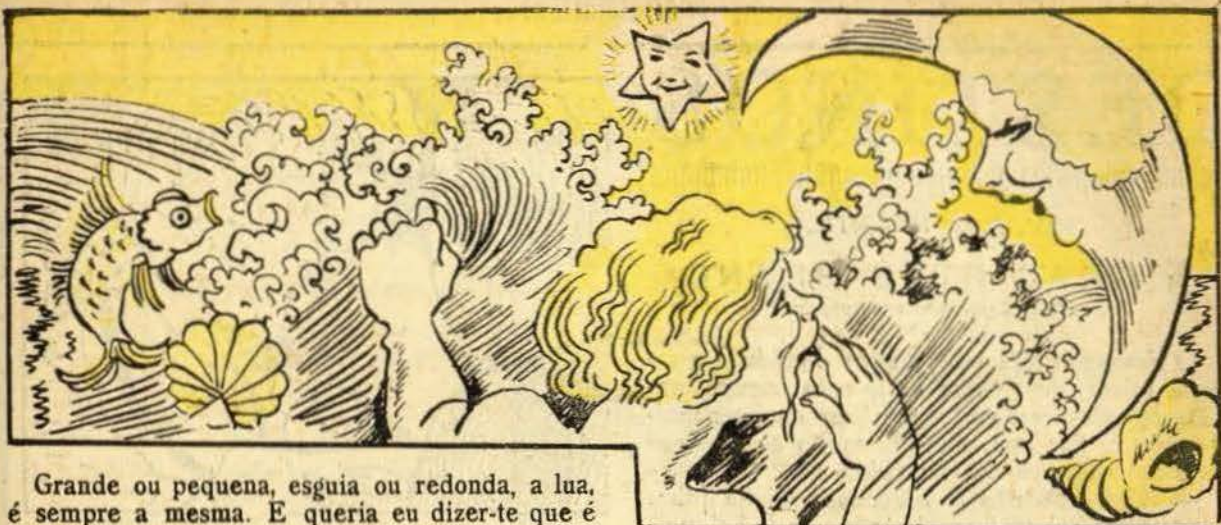
Está claro, que já viste a lua.

— Uma data delas! — respondeu, muito pronta, a Clarinha.

— Há uma até que me costuma entrar pela janela do meu quarto, outra mais pequenina, que parece um arco doirado, lá no céu... mais outra que faz uma carêta...

Pois tôdas essas, são só uma!

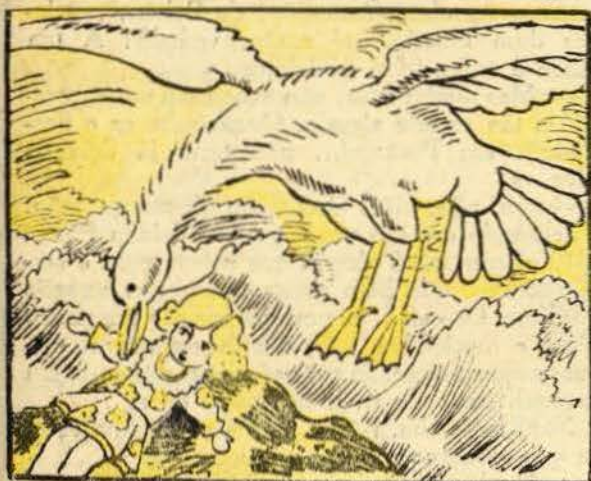




Grande ou pequena, esguia ou redonda, a lua, é sempre a mesma. E queria eu dizer-te que é ela que faz as marés.

— Então, a lua, que vive lá no alto, tem alguma coisa com o mar que está cá em baixo? — exclamou espantada a Clarinha.

— E' como te digo! A senhora lua passa a vida inteira, a viajar, á roda da terra, e, enquanto ela anda nessa dobadoira, a terra, pelo seu lado, gira,



num corropio, muitissimo mais rápido. Parece aquêlo brinquedo que se chama pião.

— Mas nunca param de correr?

— Nunca! Ora, durante essa jornada da lua que dura, pouco mais ou menos, um mês, ela passa umas vezes por cima da terra, outras por cima do mar. Em o vendo, faz-lhe sinaletas, diz-lhe assim:

— Vem cá dar-me um beijinho!

— O mar diz lá isso, Anãosinho!... — fez, incrédula, a Clarinha.

— Pois diz! E como pressente a lua, mesmo quando ainda nós não a avistamos, levanta-se, como para ir ter com ela. Mas a lua é traquinas, como os meninos às vezes são e, vai, grita-lhe: — Vê lá se és capaz de me agarrar! E, às negaças, segue o seu caminho, enquanto o mar, muito desconsolado, ora trepa pelas areias e arribas, ora recua outra vez. Entendeste esta brincadeira tôda, Clarinha?

— Entendi. Quando o mar se levanta para ir ter com a lua, é maré cheia — e, quando se afasta, é maré baixa — concluiu, muito importante, a minha amiguinha, e logo, interessada, indagou; Mas, a lua está sempre a fazer essas partidas ao mar?

— Não se passa um dia, nem uma hora que alguma parte do Oceano não obedeça à caprichosa lua. E como ela é velha, como as coisas velhas...

— Mais do que tu, Anãosinho? — interrompeu a espantada pequenita.

— Aí está uma coisa a que te não sei responder. Quando os meninos se metem a perguntar até um ano sabichão se vê atrapalhado!

Durante êste diálogo, a água tinha subido, subido e a Clarinha sentiu-a por baixo dos pés.

Recuou assustada:

— Lá vem a maré... Vamo-nos embora, anãosinho. Depois do que me contaste, com luas e marés não quero mais brincadeiras.

E, sempre conchegando a sua Mimi ao peito, a minha amiga Clarinha seguiu para casa.

O LINDO LIVRO PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores **Graciete Branco e Augusto de Santa Rita**, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

A boa estrêla—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta de Lili—Piedosa mentira—A garraiada—Alma delicada—Os ninhos—O estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A rapoza e o cordeirinho—A Natureza e Oração.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

O Fernando tem uma grande dignidade e receará, talvez, que julguem que casa comigo unicamente pela nossa fortuna. É um carácter muito nobre e, por isso, mesmo, muito escrupuloso em todos os actos da sua vida.»

— «Com isso não te preocupes minha filha. Arranjar-lhe-hei melhor situação. Fa-lo-hei participar nos lucros da casa e, dentro em breve, terá uma pequena fortuna própria.»

— «Como tu és bom, meu Paizinho!

Se a humanidade se assemelhasse a ti, a vida seria um paraíso.»

— «Primeiro, conseguir-lhe-hei a melhoria de situação, e depois... veremos. Se êle te amar, minha boa Hellen, será com toda a alegria que os teus Pais vos abençoarão, porque, o que êles mais ambicionam, na Vida, é ver a sua filha feliz. Agora vai á tua vida que tenho ainda muito que fazer hoje. Obrigado pela confiança com que me abriste o teu coração.»

— «Eu é que lhe estou muito grata, Paizinho. Então, adeus. Até logo, ao jantar.»

E Hellen, alegre, viva, feliz, como andorinha voando em céu azul, saiu, correndo, do gabinete de trabalho do Pai, depois de o ter beijado, carinhosamente, na testa.

Encaminhou-se, correndo sempre, para a elegante sala de estar onde sua Mãi passava, habitualmente, algumas horas do dia, perguntando á entrada:

— «Dás licença, Mãizinha?»

A voz simpática e afável da Mãi, respondeu, alegremente:

— «Entra, minha Hellen. Vens contente... Que novidades trazes?... As Mãis nunca se enganam...»



Mas Hellen interrompeu-a, saltando-lhe ao pescoço e enchendo-a de beijos:

— «Revelei o meu segredo ao Pai e êle mostrou-se feliz com a minha escolha. Estou muito contente, Mãi! Muito contente! Parece-me a vida mais linda, tudo me sorri á minha volta! A alegria torna as pessoas artistas! Sentem-se arrebatamentos na alma, sensações de Beleza, revelações dum mundo, até então, vedado! A tua Hellen é muito feliz, Mãizinha...»

— «Mas minha filha, não acho bom entregares-te já a tão grande alegria. Quem sabe se o Fernando... em Portugal... não teria já deixado noiva...»

— «Oh, não, Mãi! O coração diz-me que não. O Fernando era tão novo quando deixou Portugal! Foi com tanta alegria que entrou para o serviço do Pai, que bem mostrou trazer o coração bem livre. Demais... as portuguesas são um pouco piégas e românticas... Se êle tivesse noiva, ela, com as suas preces, as suas súplicas, retê-lo-ia em Portugal, perto de si, muito perto de si...»

Não, Mãizinha. Não é essa a pequenina sombra que conservo no espirito...»

— «Qual então?»

— «O facto de ignorar se o Fernando terá, ao menos, simpatia por mim...»

— «Não tendo o coração prêso a uma afeição antiga, acho que a vitória será tua. Tem confiança e espera.»

Passados alguns momentos, Mãi e filha separaram-se. Um grupo alegre de raparigas e rapazes veio roubar Hellen para jogar o «tennis».

A tarde pareceu-lhe grande. Anciava pela hora do jantar, pela aproximação de Fernando que, há muito, se tornara um grande amigo da casa.

Entre os rapazes amigos de Hellen, havia um, o Harry, que manifestava pela interessante rapariga, um interesse absolutamente desligado da idéa desportiva... Era um rapaz elegante e simpático, moreno, de lindo cabelo preto e belos olhos escuros a quem as raparigas, irónicamente, chamavam o Ramon de Londres.

Os Pais de Hellen simpatizavam com Harry e o rapaz jantava bastantes vezes á mesa dos Grossmith.



(Continúa no próximo número)

CHARADAS EM FRASE

ENIGMAS PITORESCOS

Eu segui veloz dando à manípula junto ao reborço de madeira — 2-1.

Minha irmã, hoje, oferece-te este rebanho de gado — 2-1.

Este apelido em plena manhã ressoa com harmonia — 2-2.

Esta nota de música neste templo junto ao braço do rio tinha um som de pobreza — 1-1-2.

A acusada no meio dos policiais tomava uma droga — 1-3.

Esta ave que um personagem do Pim-Pam-Pum leva na mão, é destinada a um garoto bréjeiro — 2-1.

Solução das anteriores:

- 1 — Melado. 2 — Penamar. 3 — Talento
- 4 — Cama. 5 — Demora.
- 6 — Dama.

Charadas combinadas

- + pista — Semente
- + lar — Coluna
- + ca — Caixa ou baú
- + la — Compartimento

Conceito: — Terra Portuguesa

- + da — Nome de mulher
- + a — Peça de vestuário
- + a — Sonância de verso

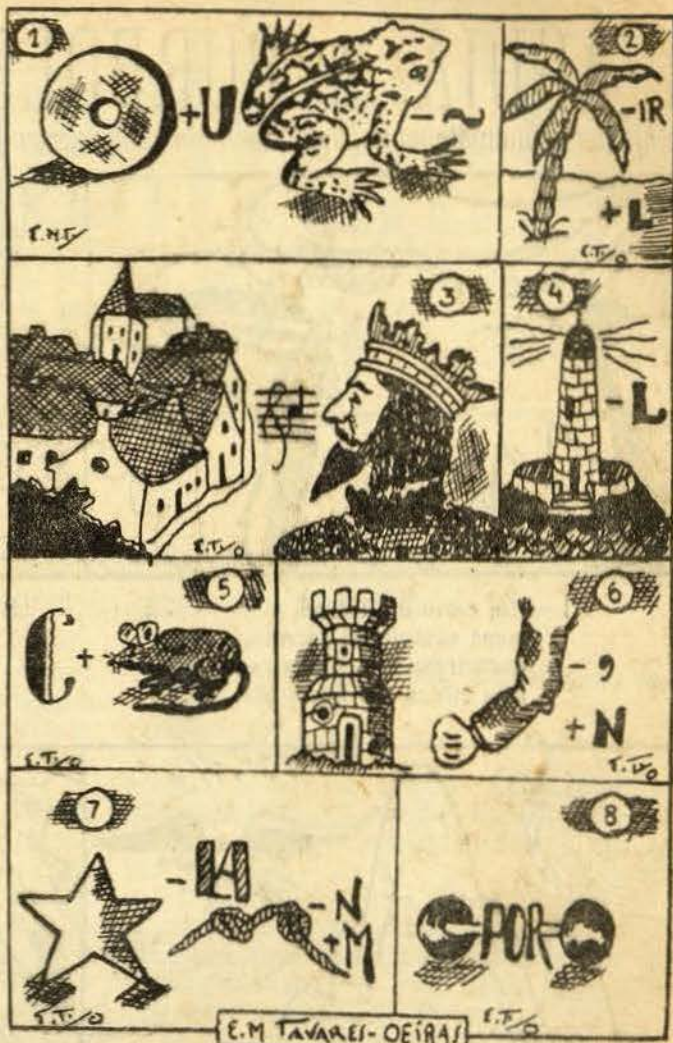
Conceito: — Terra Portuguesa

- + pe — Placa
- + a — Génio inspirador
- + lha — Sulco

Conceito: — Terra Portuguesa

Solução do enigma pitoresco:

Do prato à boca se perde a sopa.

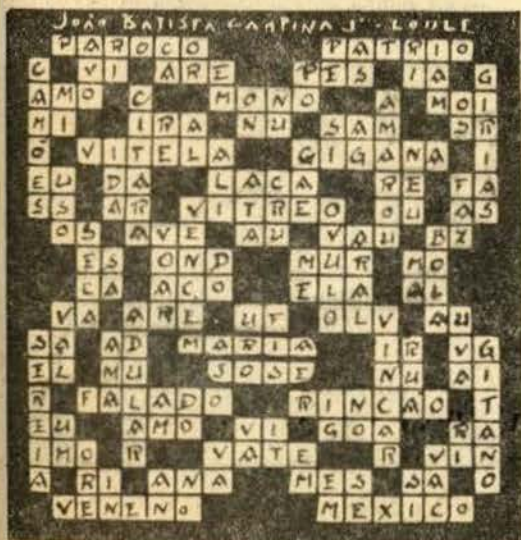


E.M. TAVARES-OEIRAS

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO NUMERO ANTERIOR

LUIZ DE CAMOES

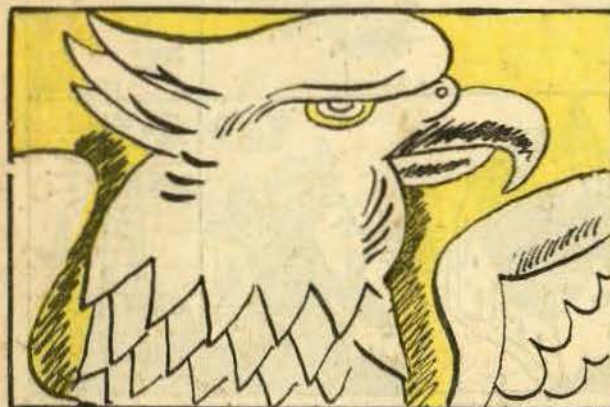


Horizontais: 1. Criada de crianças. 4. Verbo saber. 5. Insecto. 6. Colonia portuguesa. 9. Verbo. 10. Animal domestico. 13. Letras da palavra «Buarca». 14. Nome de mulher. 15. Verbo ser. 16. Conjunção francesa. 17. Nota musical.

Verticais: 1. Membro de ave. 2. Produto de abelhas. 3. Educador. 5. Consoante. 6. Nota musical. 7. atmosfera. 8. naturais dum país asiático. 10. Consoante. 11. Maior poeta português. 12. Homem encarregado de fazer antigamente as proclamações importantes.



A ÁGUIA, A BORBOLETA E A MÔSCA



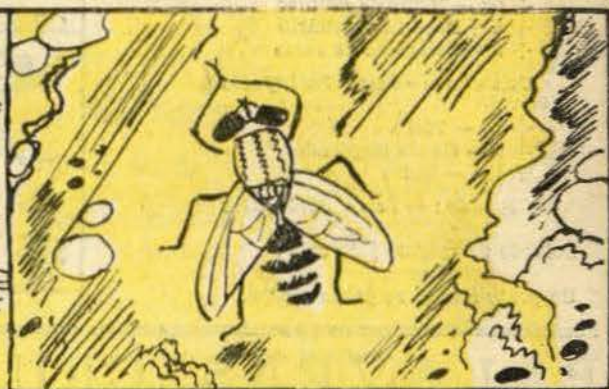
I — Em certo dia estival,
numa associação secreta,
encontram-se a Águia real,
uma mósca e a Borboleta.



II — Clama, então, a Águia altaneira:
— «Sou a Rainha da Terra,
figuro numa bandeira,
vôo mais alto que a serra!»



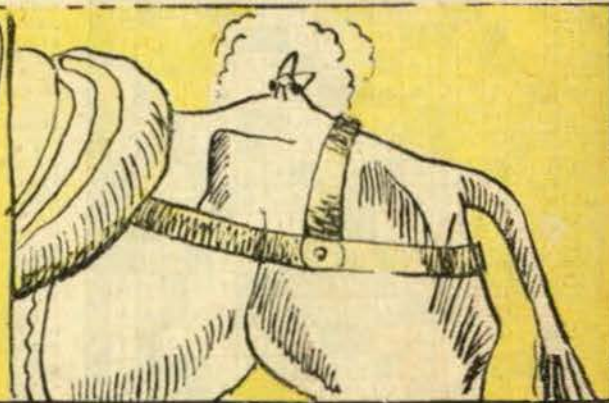
III — Dona Borboleta, agora,
murmura com arrogância:
— «Meu Reino é o Reino da Flora,
vivo entre olôr e 'fragrância!»



IV — Cabe a vez á pobre mósca
que se não sente humilhada:
— «A minha vida é bem tósca
mas não a troco por nada!»



V — O meu destino me impele
a viver a meu contento!
P'ra mim não há como a pele
dum burrinho lazarento!



VI — No fim d'êste conto, faz-se
o natural comentário:
Cada qual para que o nasce,
cada qual tem seu fadário!